

## **BATALHA DE STALINGRADO: A LIDERANÇA POLÍTICA E A CONDUTA DAS OPERAÇÕES MILITARES**

Fernando Velôzo Gomes Pedrosa<sup>1</sup>

### **Resumo**

O Propósito deste trabalho é assinalar o 75º aniversário da Batalha de Stalingrado (setembro de 1942 – fevereiro de 1943). Descreve sumariamente o planejamento e a execução da operação “Blau” dirigida pelas forças do Eixo contra o Rio Volga e o Cáucaso, destacando as interferências do líder político alemão sobre a condução operacional e tática da campanha. Analisa a capacidade de Hitler como comandante supremo, apontando suas limitações em relação ao planejamento e condução dos grandes escalões militares; a desconfiança e o desprezo que dirigia aos altos chefes militares e aos oficiais de estado-maior; e a tendência à centralização do comando em sua pessoa. Finalmente, discute o dilema do chefe militar entre o dever de obediência à liderança política e a percepção da falta de competência militar da autoridade política quando esta toma decisões catastróficas sobre o emprego das forças armadas.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial; Operação Blau; Hitler; Exército Alemão; Frente Russa.

### **Abstract**

The aim of this paper is to remember the 75th anniversary of the Battle of Stalingrad (September 1942 – February 1943). Firstly, it briefly describes the planning and execution of the operation “Blau” led by Axis forces against the Volga River and the Caucasus, highlighting the interferences of the German political leader on the operational and tacti-

---

1. Doutor em Ciências Militares, pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) (1994), e em História, pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018). Professor de História Militar na ECEME. E-mail: velozopedrosa@yahoo.com.br.



cal conduct of the campaign. Then it analyzes Hitler's capacity as supreme commander, pointing out his limitations in relation to the planning and conduct of large military forces; the mistrust and contempt he directed at senior military leaders and staff officers; and the tendency to centralize the command in his person. Finally, it discusses the military leader's dilemma between the duty of obedience to the political leader and the perceived lack of military competence of the political authority when it makes catastrophic decisions about the use of armed forces.

**Keywords:** Second World War; Operation Blau; Hitler; German Army; Russian Front.

O Propósito deste trabalho é assinalar a passagem do 75º aniversário da Batalha de Stalingrado, ocorrida entre os meses de setembro de 1942 e fevereiro de 1943. Buscando enfocar seus aspectos puramente militares, serão discutidas a delicada questão da interferência da liderança política na condução das operações militares e a da posição do chefe militar diante do dilema entre o dever de obediência e a evidência do desastre que resultará da decisão tomada por um líder político que carece de capacitação técnica militar e não leva em conta as condições peculiares do campo de batalha.

## 1 - A Operação Blau

A Batalha de Stalingrado foi a principal consequência do lançamento da Operação “Blau” (Azul) pelas forças armadas alemãs no verão de 1942. Os objetivos da Operação Blau eram: 1º) permitir às forças alemãs a ocupação dos campos de petróleo ao Norte do Cáucaso em busca de fontes de energia, das quais a Alemanha carecia para a continuação da guerra; e 2º) controlar o Rio Volga, a fim de impedir seu uso como via de abastecimento das forças soviéticas a partir do Mar Cáspio (GLANTZ; HOUSE, 2008).



A concepção geral da Operação Blau implicou na subdivisão do Grupo de Exércitos Sul alemão em dois novos grupos de exércitos<sup>2</sup> (A e B). O Grupo de Exércitos A foi organizado com o 1º Exército Panzer e o 17º Exército alemão (que incluía o 3º Exército romeno), sob o comando do marechal-de-campo Wilhelm List, e recebeu a missão de conquistar os campos de petróleo do Cáucaso. O Grupo de Exércitos B, composto pelos 2º Exército, 4º Exército Panzer e 6º Exército alemães e pelo 3º Exército húngaro, sob o comando do marechal-de-campo Fedor von Bock,<sup>3</sup> ficou com a missão de controlar o Rio Volga e a cidade de Stalingrado (GLANTZ; HOUSE, 2008, p. 131-135). A simples visão gráfica do esquema de manobra da operação Blau (figura 1) deixa evidente a divergência de esforços das forças do Eixo, que lançavam um dos seus elementos de manobra para o Sul, na direção das montanhas do Cáucaso, e outro na direção Leste, em busca do Volga e de Stalingrado. A grande profundidade da operação e a divergência de seus objetivos seriam um desafio logístico para a capacidade de sustentação das forças armadas alemãs.

---

2. O grupo de exércitos (army group, em Inglês ou Heeresgruppe, em Alemão)) é um grande comando militar que enquadra diversos exércitos de campanha, ou, simplesmente exércitos. Os efetivos de um exército de campanha variam de 100 mil a 200 mil soldados; os de um grupo de exército podem chegar a um milhão de homens. Normalmente um grupo de exércitos é comandado por um oficial general do posto mais elevado. Para uma ideia da magnitude das forças de um grupo de exércitos, segundo a estimativa do marechal Georgy Júkov, que assumiu o comando das forças soviéticas durante a batalha de Stalingrado, os efetivos do Grupo de Exércitos “B” alemão chegavam a mais de um milhão de soldados alemães, italianos e romenos, além de 675 carros de combate e canhões de assalto e mais de 10 mil peças de artilharia e morteiros (JÚKOV, 2016, p. 133).

3. Depois, substituído pelo general Maximilian von Weichs.



Figura 1 – Esquema de manobra da Operação Blau (VLIEGER, 2017).

A operação Blau teve início no dia 28 de junho de 1942, mas Hitler interveio sucessivamente na sua condução. No dia 16 de julho, alterou a subordinação do 4º Exército Panzer para o Grupo de Exércitos A, enviando-o para apoiar o avanço em direção ao Cáucaso. Esta mudança provocou grande congestionamento de veículos nas estradas. Menos de duas semanas depois, Hitler mudou de ideia, voltou a subordinar o 4º Exército Panzer ao Grupo de Exércitos B e enviou-o para apoiar o 6º Exército no ataque a Stalingrado, causando grande perda de tempo, consumo de combustível e ainda maior confusão no andamento da operação (GLANTZ; HOUSE, 2008; VLIEGER, 2017).

O ataque alemão a Stalingrado foi precedido por um grande bombardeio aéreo, que deixou a cidade em ruínas e matou 40 mil pessoas. O 6º Exército alemão entrou em Stalingrado em princípios de setembro de 1942, mas a resistência do Exército Vermelho impediu

a completa conquista da cidade pelas forças alemãs e do Eixo (WERTH, 1966, p. 480-481).

## 2 - A Batalha de Stalingrado

Em 19 de novembro, o Exército Vermelho lançou um contra-ataque para isolar as forças alemãs que lutavam no interior de Stalingrado (figura 2). A Operação Urano foi um ataque em pinças sobre os flancos das forças alemãs, defendidos por tropas romenas. Os soldados romenos lutaram com determinação, mas não puderam suportar o peso do ataque russo. Em 24 de novembro as duas pinças soviéticas se encontraram, e o cerco se fechou sobre o 6º Exército alemão, que resultou cercado em um bolsão no interior de Stalingrado (VLIEGER, 2017).

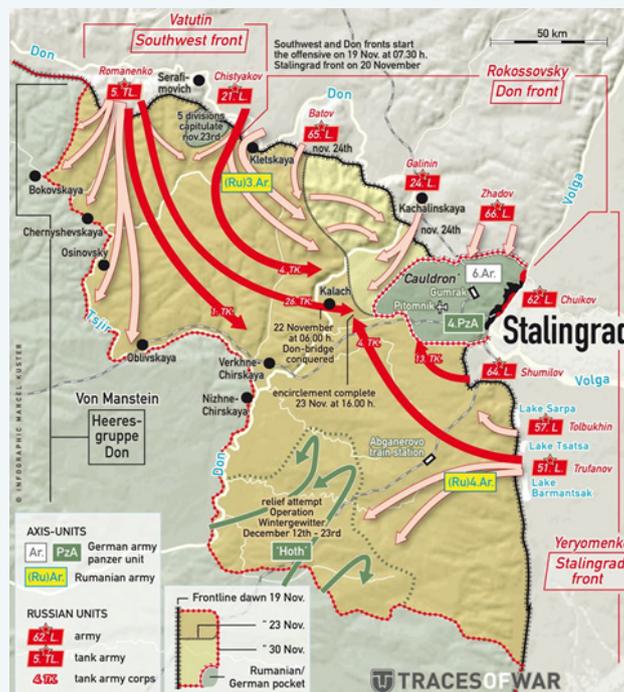


Figura 2 - Operação Urano (VLIEGER, 2017) <sup>4</sup>

4. As setas vermelhas indicam as direções dos ataques das forças soviéticas.

A partir do início de dezembro, os soviéticos começaram a comprimir o cerco para reconquistar a cidade (figura 3). O objetivo era a eliminação das forças alemãs cercadas. A opção tática foi dividir o bolsão alemão em dois e, sucessivamente, destruir as partes separadamente (JÚKOV, 2016, p. 151-152).



Figura 3 - Ataques soviéticos a Stalingrado (VLIÉGER, 2017)<sup>5</sup>

A situação logística das forças alemãs dentro do bolsão era grave. A Luftwaffe tentou estabelecer uma ponte aérea, mas a tentativa de suprimento aéreo falhou porque as necessidades logísticas do 6º Exército excediam em muito a capacidade de transporte do braço aéreo das forças armadas alemãs (MANSTEIN, 1994, p. 314-318). Mas, a despeito da situação insustentável das forças alemãs cercadas em Stalingrado, Hitler recusava-se a autorizar o comandante do 6º Exército, general Friedrich Paulus, a tentar romper o cerco e evacuar as forças alemãs da cidade. Em vez disso, a opção de Hitler foi determinar um ata-

5. As setas na cor rosa indicam o avanço das forças soviéticas em direção ao centro de Stalingrado.



que para abrir um corredor terrestre que lhe permitisse suprir o 6º Exército. Para tanto, fez uma nova reorganização das forças alemãs na frente oriental, criando um novo grupo de exércitos sob o comando do marechal Erich von Manstein – Grupo de Exércitos do Dom. Esta força foi composta com o 6º Exército – cercado em Stalingrado –, remanescentes de 4º Exército Panzer, bastante debilitados pelos combates das semanas anteriores, e dois exércitos romenos de combatividade incerta. O Grupo de Exércitos do Dom recebeu a missão de penetrar no cerco soviético e fazer junção com o 6º Exército de Paulus (MANSTEIN, 1994). O ataque do Grupo de Exércitos do Dom em direção a Stalingrado teve início em 12 de dezembro de 1942, mas, contando com limitado poder de combate, foi interrompido em 23 de dezembro sem conseguir alcançar Stalingrado (MANSTEIN, 1994). Isoladas, sem suprimentos e sob permanente ataque soviético, as últimas forças alemãs em Stalingrado rederam-se em 2 de fevereiro de 1943.

### **3 - Adolf Hitler Como Comandante Supremo**

O fracasso da operação Blau como um todo e a derrota e destruição do 6º Exército alemão em Stalingrado têm sido atribuídos, em grande medida, às interferências de Adolf Hitler na condução da Batalha. Embora ao longo do planejamento da campanha Stalingrado tivesse perdido importância como objetivo da operação (LIDDELL HART, 1980, p. 250), durante o curso das ações Hitler impôs a conquista e manutenção da cidade por questões de prestígio (MANSTEIN, 1994, p. 290). Durante o decorrer da operação, Hitler mudou mais de uma vez a missão e a subordinação do 4º Exército Panzer, dificultando seu emprego efetivo, provocando a perda de tempo e o consumo desnecessário de combustíveis e causando grande confusão e engarrafamentos de trânsito nas estradas. Na esperança de salvar o 6º

Exército sem abandonar Stalingrado, Hitler tomou decisões com base em premissas falsas sobre a capacidade da Luftwaffe para prover suprimento aéreo às tropas cercadas na cidade. Em sentido contrário, impediu qualquer tentativa de rompimento do cerco pelas tropas do 6º Exército. Sua interferência constante e falta de confiança na cadeia de comando restringiram as decisões táticas de seus generais presentes no teatro de operações, obrigando-os a submeter as decisões mais banais à aprovação do OKH (Oberkommando des Heeres – Comando Supremo dos Exércitos), instalado centenas de quilômetros à retaguarda e sob a direção do próprio Hitler.

O marechal Erich von Manstein, que conviveu de perto com Hitler, considera que o Führer possuía bons conhecimentos nos níveis mais baixos da guerra, obtidos em sua experiência durante a Primeira Guerra Mundial, quando serviu como anspeçada<sup>6</sup> em um regimento de infantaria bávaro. Graças a sua extraordinária memória retentiva e sendo muito imaginativo, Hitler apegava-se a detalhes irrelevantes, como números de equipamentos e efetivos das unidades, mas faltavam-lhe conhecimentos dos níveis operacional e estratégico da guerra, e carecia de capacidade de planejamento militar baseada em experiência. Dotado de uma confiança inquebrantável na sua força de vontade, Hitler não era capaz de perceber o que podia ou não ser alcançado com os meios disponíveis (MANSTEIN, 1994, p. 274-276).

Vaidoso por sua atuação em uma unidade de linha de frente na Primeira Guerra Mundial, Hitler deixava evidente seu desprezo pela opinião dos chefes militares cujas carreiras estavam ligadas às funções de estado-maior, e tinha o hábito de humilhá-los publica-

---

6. Gefreiter em Alemão. Graduação militar imediatamente inferior ao cabo e superior ao soldado. É, tipicamente, a primeira graduação militar. No Brasil, esse grau militar foi extinto na década de 1920.



mente. A falta de confiança nas qualidades militares dos generais do Exército Alemão fica evidenciada pela maneira como Hitler foi assumindo, cada vez mais, atribuições e funções militares que exigiam qualificações específicas e um treinamento militar de alto nível. Em 1938, assumiu o cargo de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas e, em 1941, o de Comandante-em-Chefe do Exército (LIDDELL HART, 1980). À medida que a guerra avançava, Hitler foi-se tornando extremamente centralizador, e passou a interferir no comando de seus generais na linha de frente. Em pleno curso da Operação Blau, assumiu pessoalmente o comando do Grupo de Exércitos A (MANSTEIN, 1994, p. 292). Devido à sua exigência de dar a última palavra sobre qualquer decisão tática no campo de batalha, na prática, Hitler exerceu pessoalmente o comando dos dois grupos de exército empregados na Operação Blau e durante a Batalha de Stalingrado (GLANTZ, 2008, p. 143). Manstein também assinala que, apesar de seu desprezo por generais de gabinete, Hitler jamais se aproximou da linha de frente durante toda a Guerra. Controlava a batalha desde seu quartel-general instalado em áreas que distavam centenas de quilômetros do teatro de operações (MANSTEIN, 1994, p. 279-281), e cometia erros primários como determinar a mudança dos elementos operacionais dos quartéis-generais do OKW (Oberkommando der Wehrmacht – Comando Supremo das Forças Armadas) e do OKH no dia 16 de julho de 1942, em plena execução da Operação Blau, provocando a perda de capacidade de comando e controle em momentos decisivos da batalha.

#### **4 - Dever militar e a subordinação política**

A posição dos generais alemães durante a Segunda Guerra Mundial ilustra bem o dilema do chefe militar entre o cumprimento do dever de obediência e a percepção da fal-

ta de competência da autoridade política para tomar decisões sobre temas militares. Este dilema pode ser expresso com a questão: que fazer quando a autoridade política ordena uma medida militarmente absurda que está na esfera de atribuições do comandante militar? Neste caso há uma clara invasão da esfera profissional do chefe militar por alguém não qualificado para a tomada dessa decisão.

O dever de obediência é um dos sustentáculos das forças militares, e a subordinação às autoridades políticas é a garantia de que líderes militares não se valerão do poder que têm sob seu controle para usurpar o poder político de forma ilegítima. Mas o dever de obediência do soldado está respaldado pelo reconhecimento da competência militar de quem dá a ordem. Quando um comandante militar superior emite uma ordem, mesmo que o subordinado discorde de seu conteúdo, ele não pode alegar falta de competência militar do seu superior, cuja carreira lhe permitiu reunir as competências e experiências indispensáveis ao exercício do comando. Cabe-lhe, portanto, indiscutivelmente, obedecer e cumprir a ordem recebida. Da mesma forma, quando um líder político legítimo toma decisões militares no nível da política ou da estratégia, sua competência não pode ser questionada, pois está agindo dentro do seu campo de ação e na esfera de suas atribuições legais.

Mas quando o líder político, carente de treinamento e experiência militares, invade as esferas da condução das operações militares e da tomada de decisões tática, não conta com o pressuposto da superior competência profissional que respalda o dever da obediência militar. Em casos como este e quando se pode esperar consequências catastróficas, a desobediência do chefe militar está justificada (HUNTINGTON, 1996, p. 95). Fica, entretanto, a questão sobre como um líder militar pode desobedecer a uma decisão militar ca-



tastrófica de um líder político quando a cadeia de comando intermediária, que está dotada da competência militar para avaliar as consequências do cumprimento da ordem recebida, aceita e respalda a decisão.

As forças armadas estão subordinadas à liderança política civil e lhe devem obediência inquestionável. Mas o papel do líder político em temas militares deve restringir-se à tomada de decisões nos níveis político e estratégico. Para se colocar a par dos aspectos técnicos e operacionais dos diversos campos do governo, o líder político deve cercar-se de assessores capazes em cada um desses campos, inclusive o militar. Na tomada de decisões militares, o político deve valer-se do assessoramento dos estados-maiores das forças armadas. Isto não significa a subordinação do líder político ao assessoramento dos chefes militares, pois a nomeação dos oficiais gerais que exercem o comando da tropa e integram os estados-maiores é uma de suas atribuições políticas. Cabe-lhe sim a seleção de oficiais que sejam capazes de oferecer um assessoramento competente e conduzir com eficácia as forças militares em tempo de paz e em operações militares. Em caso de emprego militar das forças armadas, cabe ao líder político estabelecer os objetivos políticos a serem alcançados pela força militar e acompanhar suas ações, intervindo apenas naquilo que tiver consequências políticas. Cabe-lhe, enfim, dar liberdade de ação aos oficiais gerais que se encontram no terreno, abstendo-se de interferir na condução das operações.

A conduta de Hitler como comandante supremo das Forças Armadas Alemãs e, particularmente a maneira como passou a desprezar, cada vez mais, o assessoramento e a capacidade militar de seus generais é um caso clássico da interferência da liderança política na esfera propriamente militar e da usurpação das funções que cabem aos estados-maiores

e aos generais em campanha. Os resultados catastróficos para as forças militares alemãs dão um atestado eloquente da impropriedade da invasão de considerações puramente políticas nas ações propriamente militares. Mas, se Hitler deve arcar com a maior fatia dessa culpa, os generais alemães têm também sua parcela, pois aceitaram a interferência de uma pessoa despreparada para a conduta militar da guerra e submeteram-se a serem humilhados e usurpados de suas funções. Depois da Guerra, muito deles alegaram que esta postura decorria de seu estrito profissionalismo e apego ao dever militar de obediência (LIDDELL HART, 1980). Esqueceram-se de que o dever militar envolve decisões tão graves que não pode estar dissociado da responsabilidade moral perante a nação e a humanidade.

#### **Referências:**

GLANTZ, David M; HOUSE, Jonathan. **Confronto de Titãs:** como o Exército Vermelho deteve Hitler. 1ª ed. Tradução de Liamara Soares da Silva. São Paulo, C&R Editorial, 2008.

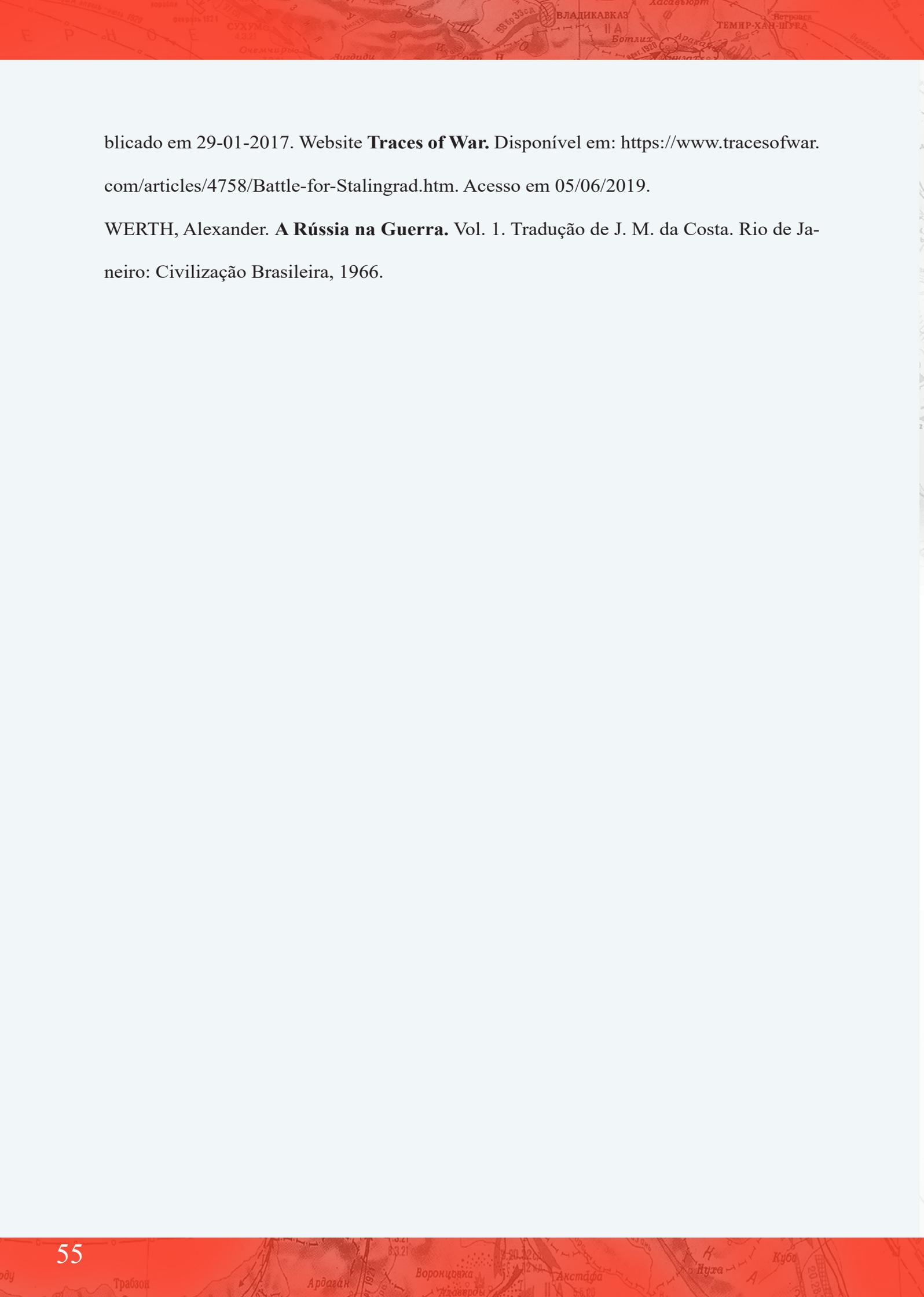
HUNTINGTON, Samuel P. **O Soldado e o Estado:** teoria e política das relações entre civis e militares. Tradução de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

JÚKOV, G. K. **Memórias e Reflexões.** Tomo II. Tradução de Paulo Baciuk. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2016.

LIDDELL HART, Basil Henry. **O Outro Lado da Colina:** ascensão e queda dos generais alemães, com seus depoimentos acerca dos acontecimentos militares de 1939 a 1945. Tradução de Luiz Paulo Macedo Carvalho e Haroldo Carvalho Neto. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

MANSTEIN, Erich von. **Lost Victories.** Tradução para o Inglês de Anthony G. Powell, com apresentação do capitão B. H. Liddell Hart. Novato, CA: Presidio Press, 1994.

VLIEGER, Auke de. **Battle for Stalingrad.** Tradução para o Inglês por Arnold Palthe. Pu-



blicado em 29-01-2017. Website **Traces of War**. Disponível em: <https://www.tracesofwar.com/articles/4758/Battle-for-Stalingrad.htm>. Acesso em 05/06/2019.

WERTH, Alexander. **A Rússia na Guerra**. Vol. 1. Tradução de J. M. da Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

## A BATALHA DO CÁUCASO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A VITÓRIA SOVIÉTICA EM STALINGRADO

Pablo Guimarães Bandeira da Silveira <sup>1</sup>

Alexander Zhebit <sup>2</sup>

### Resumo

A Batalha de Stalingrado, considerada uma virada na Segunda Guerra Mundial, foi determinante para a vitória soviética sobre a Alemanha nazista. Contudo, o objetivo da operação Fall Blau, que engatilhou a Batalha de Stalingrado, era a captura do Sul da União Soviética e do Cáucaso, regiões agrícolas e petrolíferas soviéticas. Neste artigo propõe-se analisar o transcorrer da Batalha do Cáucaso, o papel do Cáucaso nos planos militares alemães e a sua relação com a vitória soviética em Stalingrado e a subsequente vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial; União Soviética; Alemanha nazista; Batalha do Cáucaso; Batalha de Stalingrado

### Abstract

The Battle of Stalingrad, seen as the turning point of World War Two, was pivotal to the Soviet victory over Nazi Germany. However, the purpose of the operation Fall Blau, that triggered the Battle of Stalingrad, was a capture of the South of the Soviet Union and of the Caucasus, agricultural and oil-rich territories of the Soviet Union. This article has a purpose to analyze the course of the Battle for the Caucasus, the role of the Caucasus in the German war plans and its relation with the Soviet victory at Stalingrad and the subsequent Allied victory in World War Two.

**Key-words:** World War Two; Soviet Union; Nazi Germany; Battle for the Caucasus; Battle of

---

1. Graduando de Relações Internacionais pela UFRJ, aluno de iniciação científica, membro do GPPI e do LEPCáucaso, e-mail: pablos1997@gmail.com

2. Orientador, Professor associado, Doutor em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: alex@cfch.ufrj.br